

À MULHER FAMINTA



A mulher faminta

Tiago Germano



© Moinhos, 2018.
© Tiago Germanoo, 2018.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Sérgio Ricardo

Imagem de capa:
Body, human, fingers and wrist, de Andrei Lazarev

Nesta edição, respeitou-se o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

G373m
Germano, Tiago
A mulher faminta / Tiago Germano.
Belo Horizonte : Moinhos, 2018.
216 p. ; 15,5cm x 22,5cm.
ISBN: 978-85-45557-31-9

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

2018-1004

CDD 869.89923
CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos — Belo Horizonte — MG
editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

Para Débora, minha fome.



Dead meat, don't you know you're dead meat?
Sean Lennon

*Não há experiência amorosa que não envolva uma
dimensão de pesadelo. O amor é o sinistro por
excelência: o menor contratempo,
a trivialidade mais acidental pode transformar
o idílio mais sólido em pesadelo.*
Alan Pauls



1.

Tem alguém morto
neste apartamento



TENTA FECHAR OS OLHOS, mas o barulho do interfone não o deixa dormir. No colchão em que cabem três dele, camadas de lençol amarrotado modelam um corpo. Tem a nítida impressão de que ela ainda está ali. Da janela, uma luz difusa se reflete na parede do quarto. As mãos procuram o celular. Confere o mostrador do relógio. Três e meia da madrugada e o interfone que não para de tocar. Desliza para o lado e coloca os pés no lugar mais seguro que encontra. Um cânion aberto por pilhas de livros e papéis assume o espaço que os poucos móveis não conseguem preencher. Desvia cambaleante de cada um dos obstáculos. Uma pilha tomba e uma cascata de páginas forma um pequeno estuário no chão. Projeta os membros de um lado para o outro do corredor. Desloca-se mais com as mãos tateando as paredes que com os pés tropeçando nas caixas. O som do interfone ecoa metálico pelo apartamento. É quase possível senti-lo vibrar na superfície das paredes. A porta do quarto de hóspedes está aberta e trancá-la é a primeira coisa que faz antes de continuar a seguir o eco até a cozinha. Liga a luz e uma rajada incandescente atravessa a retina. Procura o aparelho entre a pia de louças acumuladas, uma coluna parcialmente submersa de porcelana barata, um iceberg que vai dos pratos maiores para os pires menores, os talheres por cima, os copos encaixados uns dentro dos outros, as painéis de alumínio num caos perfeitamente organizado.

— O senhor sabe que eu só faço minha obrigação — diz a voz roufenha do porteiro, do outro lado da linha.

No sexto andar do prédio, o vazio é tal que o silêncio consegue se sobrepôr às desculpas pela hora.

— A vizinha de baixo tá perguntando se o senhor não deixou alguma coisa estragar na geladeira ou no forno.

A geladeira está vazia, e é preciso esfregar muitas vezes os olhos antes de verificar as quatro bocas do fogão apagadas, a válvula do gás fechada há sei lá quanto tempo e nem um traço de lixo na área de serviço, não fosse o pequeno lodaçal que demarca o trajeto de chorume das sacolas recém-recolhidas. Na pia, as roupas sujas permanecem mergulhadas em uma solução de sabão em pó e água sanitária. As janelas continuam fechadas.

— O senhor sabe como é gente velha. Já é a terceira vez que ela me pede pra ligar perguntando.

Larga o aparelho no suporte. Vai até a sala e tenta sentir o cheiro. O notebook hiberna na mesa de jantar. Confere o dia da semana na tela. Na avenida, ouve um carro frear e acelerar subitamente. As rodas parecem se desconjuntar na lombada, os pneus cantando à medida que o carro se afasta.

Solta as trancas da porta corrediça e só então percebe o reflexo da TV ligada no muro. Abre a porta de vidro que dá para a varanda e o vento começa a uivar invadindo a sala. Não se lembra de ter posto o DVD no aparelho. Não se lembra de ter abandonado o filme no meio.

Tira a camisa suada e deita no sofá. Há uma sensação de alívio em colocá-la sobre o rosto, o suor do corpo ainda quente encharcando a malha. Aumenta o volume no controle remoto. Pela gola aberta da camisa, acompanha a cena que se repete na tela. É noite e um grupo de criaturas cerca uma caminhonete ardendo em chamas. Dentro da cabine, um corpo carbonizado desprende uma espessa nuvem de fumaça. Faces desfiguradas aglomeram-se no para-brisa. As criaturas arrombam a cabine e desmembram o cadáver, roubando restos de carne humana com as mãos. O vermelho das tripas salta no colorido digital. Um homem devora um pedaço de pele lacerada, uma tira que parece do tamanho exato da epiderme que lhe falta no pescoço. Começa, enfim, a se lembrar. Tudo, de fato, aconteceu no quarto ao lado. Sabe agora exatamente de onde vem o cheiro. Tem alguém morto neste apartamento.

Quando eu conheci Mayra, ela era só mais uma dessas meninas com o rosto estragado de espinhas, uma aba de navegação piscando constantemente na tela do meu computador. Lembro ainda da primeira foto que vi. Dos óculos de armações grossas num tempo em que tudo o que era velho passou a ser chamado de "vintage" e agradar garotas como ela, que não tinham problema algum de visão, que corriam atrás das gavetas dos avós ou do primeiro amigo com mais de três graus de miopia para pegar emprestado a cegueira deles e parecer mais charmosas nas fotos.

O engraçado é que os óculos de Mayra sequer tinham lentes. O que também não era um problema para quem, como ela, entendia um pouco de Photoshop e passava horas na frente do computador aliviando o rosto cheio de pipocas vermelhas. Lógico que naquela época eu era ingênuo a ponto de nem desconfiar de toda aquela produção. O cabelo preso num coque deixando estrategicamente escapar alguns fios. O vestidinho de alcinha azul e o colar com um coraçãozinho de pedra na ponta. Tudo aquilo carregava uma mensagem com destino certo, e era exatamente o tipo de coisa que te chamava a atenção se você era um cara com pouco mais de vinte anos que se entupia de antidepressivo para suportar a vida.

Mayra entrava no chat como *Polythene Pam*. Era a primeira canção dos Beatles destinada a fracassar nos meus ouvidos. Justo eu, que era tão fã dos Beatles que me proibia de ouvir qualquer porcaria dos Stones. Para mim, música era um jogo de pedra papel tesoura em que os Beatles anulavam qualquer banda, e deve ter sido esse o ponto de partida de nossas conversas que se estenderam na internet por dias, semanas, meses, até me levarem a comprar uma passagem de tarifa cheia e voar cinco horas para conhecer alguém de quem só tinha ouvido a voz duas vezes pelo telefone.

Eu morava em São Paulo, ainda. Tinha saudades do meu sotaque nordestino, que forjava tanto a ponto de não conseguir mais recuperar o som aberto do érrre. Tudo para não parecer tão provinciano naquele novo lugar. Tudo em nome de um cosmopolitismo babaca, que não me impediu de voltar para a Paraíba duro e derrotado, sem ter do que me orgulhar além de uma linha no currículo que me fez ocupar a primeira vaga que surgiu no jornal.

Olhasse novamente para aquela foto agora, veria talvez mais os defeitos meus que os dela. Enxergaria as olheiras fundas de Mayra, dois murros certos aplicados com uma combinação fatal de melanina, vasodilatadores e base de maquiagem, e lá estariam desenhadas também as minhas próprias olheiras, mais fundas ainda, de algumas noites insones alternadas por longos períodos de hibernação. Notaria o ar blasé dela, ensaiado tantas vezes na frente do espelho, e lá estaria também a minha insegurança, perambulando pela avenida Paulista com um casaco muito frio e demodê para o padrão que se usava na época. Perceberia pendurada a etiqueta de troca do vestidinho moderno e descolado, duas coisas que eu queria ser quando cismeiei em me enfiar nas boates da rua Augusta e enfrentar o medo de não passar do que, no fundo, eu era: outro imigrante de classe média que se achava muito diferente do porteiro do prédio que chegou ali antes dele.

Um clique em outra aba, uma queda de energia na porra do prédio, e quase dez anos da minha vida teriam mudado por completo. Penso nisso hoje sem muita certeza, porque aqueles eram anos em que nós dois tínhamos os mesmos interesses e talvez fosse tudo do mesmo jeito no final das contas: Mayra surgiria em outra época com um outro rosto, numa nova versão, completamente reformulada, e essa aí colaria de novo. A verdade é que me apaixonaria por qualquer uma das personagens de Mayra. Porque nisso nós dois nos igualávamos: nós sabíamos compor um personagem.

Conferindo de novo as fotos guardadas nas caixas, a única verdadeira que eu encontro é essa em que o rosto de nenhum de nós dois pode ser visto e é quase impossível distinguir o que está acontecendo se você não presta bem atenção nos detalhes ou se não estava lá na hora em que o flash de alguém disparou de surpresa. A camisa cor de pele que eu insistia em trazer na bagagem nas férias e a luz do bar no mesmo tom, dando a ilusão de que eu estava com as costas nuas, os cabelos um pouco mais fartos e revoltos, escondendo a minha cara e a dela. Devia estar com a língua enfiada na boca de Mayra, numa das raras vezes em que ela se distraía de ficar à toa conversando sobre o papo torto de moda, aquela conversa fiada que só convencia meia dúzia de garotas que suportava a presença dela. Mayra não conseguia se manter de pé num mesmo lugar por mais de quinze minutos. "Eu sou assim meio hiperati-

va", ela dizia, e o grupinho de garotas desmioladas caía na gargalhada, em sinal de aprovação.

Para mim, rancor é pouco. Rancor, ressentimento, despeito, são só para os dias mais calmos. Rancor por esse monte de rostos que eu vejo se intrometer nas fotos e que agora tenho que fazer um esforço imenso para me lembrar de quem são, de onde vieram, o que faziam, quais eram as ambições, os sonhos, os anseios além de capotar no fim da noite, no sofá dos pais, com o cérebro encharcado de cachaça depois de saracotear falando as bobagens que até hoje ecoam feito refrões de uma banda ruim na minha cabeça. Feito as duas conversas ao telefone que tive com Mayra e que deviam ser mesmo sobre música, porque música era o tipo de conversa que agradava Mayra sobretudo se o assunto era glam rock. (E eu não engolia o glam rock e aquele bando de palhaços com guitarras no lugar de cornetas.)

No primeiro Halloween que passamos juntos, ela testou a maquiagem tosca de todos os integrantes do Kiss no rosto. No segundo, pintou o raio ridículo do Bowie que insistia em entortar na base do nariz. No terceiro, decidiu estrear como DJ numa dessas festas à fantasia que ela mesma organizava. Tornava-se oficialmente DJ Mayra. "Dá um charme ao nome, né, essas consoantes a mais?", e meia dúzia garotas desmioladas, futuras DJs como Mayra, sacudiam as bolsas clutches para aplaudi-la nas picapes.

Música era o tipo de diversão barata a que todos tínhamos acesso e o tipo de assunto que animava as discussões um pouco mais acaloradas da gente. O mais perto de "arte" ou de "estética" que conseguíamos alcançar, palavras que usávamos indistintamente sem fazer a mínima ideia do verdadeiro significado desde então. Não é à toa que os Beatles, fatalmente, se estragariam.

A última canção foi *Free as a bird*. Mayra estava livre para adornar a parede do seu quarto com o adesivo que comprou numa lojinha hype com um funcionário meio metido a nerd no balcão. Em cima da cama, ostentava agora o verso da música em letrinhas estilizadas, tripudiando de mim, que deixava que o pássaro se soltasse da gaiola e mudasse para sempre a vida que um dia conhecemos.

Tento me lembrar novamente do quarto dela pelas fotos mais recentes do Facebook. Procuo por algum vestígio da ilustração de Shiko que gastei uma nota para emoldurar e

dar a ela de aniversário. No quadro, uma mulher de vários braços – a versão moderna e ocidental de alguma divindade indiana – segura com uma mão uma xícara de café, com a outra a manivela de uma caixinha de música, e com a outra percorre suavemente a linha do umbigo até a calcinha e da calcinha até o púbis. Aquilo compunha um retrato preciso de Mayra, era a caricatura perfeita e poetizada de sua rotina exceto pelo detalhe da mão na calcinha, já que a mão de Mayra estava sempre mais ocupada atualizando o seu perfil em alguma nova rede social.

Baixo a tampa do notebook e a luz diminui com o som ainda no último volume. O som de alguma porcaria dos Stones que agora eu ouço para homenagear Mayra, cavalo selvagem que me escapou pelas mãos. O som enche não mais aquele quarto de onde fui banido, mas o quarto onde a trancafiei, em que lágrimas devem ser choradas e sua memória viverá um pouco mais para depois também morrer, junto comigo. O quarto onde permaneço insone, olhando letárgico para as paredes nuas. O quarto onde por muito tempo não haverá espaço para mais ninguém além de nós dois.